

Investigadora Maria Raquel Freire propõe uma “conversa-viagem” pelas relações internacionais

Entrevista Doutorada em Relações Internacionais pela Universidade de Kent, Reino Unido (2002), investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) e professora catedrática de Relações Internacionais da Faculdade de Economia (FEUC), Maria Raquel Freire será, quarta-feira, oradora no ciclo de conversas com cientistas Pontos nos iii, promovido pelo Exploratório - Centro Ciência Viva de Coimbra, com o tema "Tempos de crise: (In)segurança europeia e instabilidade nas fronteiras leste e sul"

Ao longo da sua carreira na investigação, a que áreas se tem dedicado?

Tenho trabalhado questões de política externa e segurança internacional com um enfoque especial na Rússia e espaço pós-soviético. As relações da União Europeia com a Rússia e esta área de vizinhança alargada têm também sido foco dos meus trabalhos, incluindo a Política Europeia de Vizinhança. Tenho viajado neste contexto para países tão diversos como o Azerbaijão, a Geórgia ou a Bielorrússia. Numa outra linha mais relacionada com os Estudos para a Paz, tenho estudado políticas e práticas de intervenção, em particular missões de manutenção da paz e dinâmicas de construção da paz, uma linha que me levou até Timor-Leste onde desenvolvemos um projecto sobre as missões das Nações Unidas naquele país.

Que investigação se encontra a desenvolver neste momento?

De momento, e devido ao facto de ter sido titular de uma Cátedra Jean Monnet nos últimos três anos, e estar actualmente a coordenar um Centro de Excelência Jean Monnet na Faculdade de Economia, tenho estado a fazer um pouco mais dedicada

às questões da Parceria Oriental no quadro da União Europeia, às relações com a Rússia num contexto internacional instável e aos desafios à UE como actor global e de segurança.

Quais os objectivos dessa investigação?

Esta investigação visa melhor perceber os contornos desta política em particular, os seus objectivos e instrumentos, e de que modo os países da Parceria percebem a evolução das relações com a UE, seja numa lógica cooperativa, seja de crítica. Os discursos e as narrativas têm sido uma parte importante do meu trabalho, olhando percepções, questões identitárias, e construções narrativas sobre o 'eu' e o 'outro(s)' e de que modo estas contribuem para maior cooperação ou para adensar diferenciais – o que tem estado muito presente no quadro das relações da UE com os seus seis parceiros a leste, nomeadamente a Arménia, o Azerbaijão, a Bielorrússia, a Geórgia, a Moldova e a Ucrânia. Um dos resultados previstos desta investigação é a publicação de um livro, que estou a escrever, exactamente sobre a Parceria Oriental da União Europeia, intitulado "Relações Externas da União Europeia: Um Olhar a Leste".



Maria Raquel Freire é oradora nesta edição do "Pontos nos iii"

① PERFIL

Maria Raquel Freire preside à Assembleia da Faculdade de Economia, é membro do Conselho Científico das Ciências Sociais e Humanidades da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e membro do European Science Foundation College of Expert Reviewers. É ainda professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Santa Catarina, Brasil. Os seus interesses de investigação centram-se nos estudos para a paz, em particular peacekeeping e peacebuilding; política externa, segurança internacional, Rússia e espaço pós-Soviético.

Qual o impacto ou a aplicação mais prática que a investigação que desenvolve neste momento pode ter para a sociedade?

Os desafios que a União Europeia enfrenta hoje são diversos e de potencial grande alcance e todos eles, de forma mais directa ou indirecta têm impacto

nas sociedades europeias incluindo Portugal. Basta pensar, por exemplo o Brexit, a guerra na Ucrânia, a crise dos refugiados e o conflito na Síria, os ataques terroristas e questões climáticas. São todos temas que desafiam a União Europeia e, por consequência, os cidadãos europeus. Compreender a forma como a UE se relaciona em termos de política externa e em matéria securitária com a sua área de vizinhança, ajuda-nos a melhor lidar com alguns destes desafios. A simples utilização de rótulos como 'terrorista' ou 'migrante' tem uma carga política e social associada que precisa em muitos casos de ser desconstruída. Um olhar mais próximo para estas realidades não distantes de nós, como o que se passa na Ucrânia ou na Moldova, informa o modo como vemos estas sociedades e as suas políticas, permitindo pensar políticas potencialmente mais inclusivas e geradoras de maior estabilidade. As relações com a Rússia também precisam de ser repensadas, face a um contexto em que o diferencial é enorme, e acusações e notas de desconfiança fazem títulos de jornais por toda a União Europeia e na Rússia. É preciso olhar além da superfície e tentar perceber as dinâmicas que

informam opções políticas e determinadas acções e reacções nas relações internacionais, para podermos desse modo contribuir para a interpretação destas e para eventuais propostas de acção política.

Na próxima quarta-feira, vai participar no programa de conversas com cientistas Pontos nos iii, promovido pelo Exploratório, com o tema "Tempos de crise: (In)segurança europeia e instabilidade nas fronteiras leste e sul". O que é que o público pode esperar desta sessão?

Uma viagem pelo espaço europeu alargado, partindo da UE, e olhando os países que estão na sua vizinhança a leste como estas repúblicas que mencionei e a Rússia, e os que estão a sul das suas fronteiras, como a Síria ou a Líbia. Não esquecendo o grande Médio Oriente, que enfrenta mais um período de grande instabilidade. Os grandes protagonistas além da Europa, especialmente os Estados Unidos da América, não podem também ser descurados quando falamos de segurança europeia, e da chamada relação transatlântica. Porque são as relações com a Rússia tão difíceis? Qual a relevância de países como a Ucrânia para a União Europeia? Porque surgiu uma política como a Parceria Oriental nas relações externas da UE? O que significa o conflito violento na Síria para a segurança europeia? E qual o papel dos EUA nestes contextos? O que podemos esperar destes tempos de crise para a estabilidade da UE? Algumas das questões que pretendo abordar nesta conversa-viagem pelas relações internacionais atuais e que, ainda não sendo de resposta simples, são importantes para ajudar a uma reflexão mais aprofundada sobre todas estas questões e desafios à Eu-